

**MARCADORES DE PRESERVAÇÃO DA FACE NA FALA  
CULTA DE SÃO PAULO E DO RIO DE JANEIRO\***

Paulo de Tarso GALEMBECK (*UNESP/Araraquara*)  
Kelly Alessandra CARVALHO (*Bolsista PIBIC/CNPq*)

*Abstract: This text discusses the makers of face preservation used in the spoken standard Portuguese of São Paulo and Rio de Janeiro. It is emphasised that these markers play an essential role in the construction of the conversational act and that they are divided in two groups: those that indicate a more direct involvement and those that denote a less intense participation of the speaker.*

0. Introdução

Ao engajar-se nas diversas formas de interação face a face (diálogos, entrevistas, palestras), o falante passa a exibir sua auto-imagem pública (face) e, dessa forma, corre o risco de expor o que deseja ver resguardado e, também, de não exibir aquilo que deve ser colocado em evidência. Para preservar essa auto-imagem, são empregados certos marcadores conversacionais específicos, os marcadores de preservação da face.

Este trabalho visa a estudar os citados marcadores em um corpus representativo da fala culta de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trata-se dos diálogos entre dois informantes (D2) nº 062, 333, 343 e 360 (NURC/SP), e nº 147, 158, 355 e 374 (NURC/RJ). Esses inquéritos foram realizados por informantes de ambos os sexos e das três faixas etárias (1ª- 25 a 35; 2ª- 36 a 55; 3ª- 56 em diante e perfazem 6h45 min (585 min) de gravação). Os diálogos do NURC/SP acham-se publicados em Castilho e Preti (1987), e os do NURC/RJ, em Callou e Lopes (1994).

1. Face e preferência

O conceito de face foi inicialmente proposto por Goffman (1970), sociólogo americano que se dedicou ao estudo dos textos falados a partir do quadro geral da construção dos diálogos e da própria interação face-a-face (linha etnometodológica). Segundo o A. mencionado, o simples fato de entrar em contato com outras pessoas rompe um equilíbrio social pré-

\* Este trabalho foi apresentado no simpósio "Interação Verbal: Aspectos Relevantes para o Ensino de Língua".

existente e, assim, constitui uma ameaça potencial à auto-imagem pública dos participantes do ato conversacional. Goffman designa por face a expressão social e pública do eu individual.

Posteriormente, as idéias de Goffman foram complementadas por Brown e Levinson (1978), que estabeleceram a distinção entre a face positiva (aquilo que o locutor expõe para aprovação ou reconhecimento) e a face negativa (referente a atitudes de não-imposição ou à reserva do “território” que o interlocutor deseja ver preservado).

Brown e Levinson (op.cit.), ademais, verificam que alguns atos de linguagem são intrinsecamente ameaçadores da face positiva ou da face negativa (FTAs: face-threatening-acts): ordens, pedidos, manifestação de opiniões. A partir dessa verificação, os Autores citados procuram definir as estratégias de polidez utilizadas pelos interlocutores para preservar a própria face e a do seu interlocutor diante de um FTA.

## 2. Quadro dos marcadores de atenuação

O quadro na página a seguir expõe, de forma esquemática, a tipologia dos marcadores de atenuação encontrados no corpus<sup>1</sup>.

Na seqüência do trabalho, são expostos exemplos com os marcadores de atenuação mais freqüentes e, a partir desses exemplos, discute-se o papel desses marcadores de construção do ato conversacional.

<sup>1</sup> O quadro exposto baseia-se na proposta de Rosa (1992: 61 e 62). No entanto, optou-se por não dividir os marcadores de opinião em “marcadores conversacionais que promovem o apagamento da instância do discurso”, e “marcadores de enunciação”, uma vez que, na instância do discurso, não existe apagamento completo do enunciador. Por isso mesmo, a questão do envolvimento x distanciamento do locutor não deve ser colocada em termos absolutos, de oposição entre dois pólos nucleares, mas com um “continuum” de maior ou menor envolvimento.

CATEGORIAS	TIPOS	SUBTIPOS	OCORRÊNCIAS
Marcadores conversacionais de menor envolvimento do locutor	De impessoalidade ou de indeterminação	Procedimentos de impessoalidade	Parece que, é possível que.
		De indeterminação do sujeito	Dizem que; diz que.
	Marcadores conversacionais de rejeição (2)	Frases estereotipadas	Se não me engano
		Mas-prefácios	Não sei... <u>mas</u> .
		Prefácios contrastivos	Não estou lembrando do nome... só lembro; eu não entendo... eu entendo.
Marcadores conversacionais de maior envolvimento do locutor	Marcadores conversacionais de opinião	Expressões verbais	<u>Prefácios</u> : eu acho que; eu sinto. <u>Intermediários</u> : eu tenho a impressão que; não sei, me parece. <u>Posfácios</u> : eu acho.
		Locuções adverbiais	Para mim; particularmente; pessoalmente.
	<u>Hedges</u>	Indicadores de planejamento verbal (atividades cognitivas)	Quer dizer; assim; vamos dizer; digamos; sei lá; não sei.
		Indicadores de incerteza	Não sei se, talvez, às vezes, normalmente; de um modo geral.
	Marcadores conversacionais metadiscursivos	_____	(Não foram localizados no <i>corpus</i> )

<sup>2</sup> Os marcadores de rejeição trazem as marcas de primeira pessoa, mas são incluídos entre os marcadores que indicam menor envolvimento, já que mostram que o enunciador não assume as idéias que serão anunciadas.

3. Marcadores conversacionais de atenuação que denotam menor envolvimento do locutor.

Este item abrange os marcadores que indicam que o locutor afasta-se da situação de comunicação ou, mais exatamente, que ele não se envolve direta e explicitamente com as opiniões e conceitos emitidos: os procedimentos de indeterminação do sujeito, a impessoalidade (oração sem sujeito) e os marcadores de rejeição.

### 3.1 Procedimentos de indeterminação do sujeito

(Ex. 01) L2 (...) mas também nos outros países por aí... sempre mexe lá uns terremotos aqui ( ) não tem nem isso dizem que as pessoas mexem eu não sei... então Chile ( ) muita constância... ( ) na Amé/...  
(NURC/RJ, 158, l. 1455-1457)

No ex. 01, o informante faz menção a uma situação que não experimentou, e só conhece por ouvir dizer, por isso utiliza um procedimento de indeterminação do sujeito (dizem que), como forma de manifestar resguardo ou afastamento em relação às próprias palavras. Por meio desses recursos, o falante desloca-se do campo individual, pessoal, para o âmbito do senso comum.

O deslocamento a que se refere o parágrafo anterior não deve ser encarado como uma apagamento do locutor. Na verdade, o locutor não se apaga, nem se oculta, mas simplesmente assume a opinião da maioria, do que é tido e havido por correto. Esse procedimento demonstra que o locutor assume o que é dito, mas busca o respaldo do senso comum para justificar as próprias idéias. Esse recurso, ademais, indica um afastamento (ou melhor, envolvimento em grau menor) do locutor em relação ao que é dito.

Apesar do que foi dito, vale a pena insistir que não há ocultamento do locutor. Para falar-se em ocultamento, seria necessário postular uma distinção entre as figuras do locutor (o sujeito falante, que produz os enunciados) e do enunciador (aquele que manifesta a opinião, que organiza o ponto de vista e as atitudes). (Ducrot (1978: 192 e ss.)). O fato

de o locutor não se ocultar, de assumir o senso comum, demonstra exatamente que ele incorpora a voz da multidão.

### 3.2 Recursos para indicar a impessoalidade

Os procedimentos de impessoalidade (é possível, é provável, é bom) marcam o envolvimento do locutor de forma mais acentuada que a indeterminação do sujeito, já que neles está presente a idéia de apreciação ou julgamento.

(Ex. 02) L1 tem um cidadão ( ) parece que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos... então você tem os impostos federais... estaduais... municipais... impostos relativos a impostos ( ) impostos de mercadorias em relação à produção de circulação... o IPI... o ICM... e por aí vai afora (...) (NURC/RJ, 355, l. 715-719)

No exemplo anterior, é nítido o valor de incerteza ou falta de convicção, pois o informante demonstra que não está seguro do número de impostos que existem.

A idéia de julgamento ou apreciação decorre do fato de esses marcadores possuírem, também, valor modal. Com efeito, eles se relacionam com as modalidades aristotélicas ou aléticas e exprimem particularmente uma relação possível (é provável, é possível) ou contingente (é bom). (Mira Mateus *et alii*: 144 e 145). Ao lado desse valor modal, há também a idéia de que esses marcadores denotam um envolvimento ou exposição menos acentuada dos locutores em relação aos conceitos expostos.

### 3.3 Marcadores de rejeição

Os marcadores de rejeição representam uma antecipação do locutor, com a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis, ou prevenir interpretações contrárias ou prejudiciais por parte do interlocutor.

Os marcadores de rejeição encontrados no corpus correspondem a certas frases fixas (que eu saiba, não sei se..., se não estou enganado e outras semelhantes), as quais geralmente funcionam como prefaciadores dos enunciados.

(Ex. 03) L2 (...) as máquinas que:: não têm barulho... elas são mais mágicas de uma certa forma do que... assim começo de de:: revolução industrial né? aquelas máquinas barulhentas e tal e mesmo atualmente... o:: barulho de trânsito a polui/ a poluição... auditiva... acho que tem uma função de tranqüilizar... eu não sei se a analogia está certa mas outro dia eu pensei né? (que você) o silêncio na... na selva... é sinal de perigo né? a hora que... pára tudo qualquer barulho de passarinho e tal é que está havendo algum perigo por perto... se você pensar assim numa hora em que você não ouça mais barulho na cidade... acho que tem a mesma equivalência (NURC/SP, 343, l. 789-800)

Esse exemplo trata de um tema que pode provocar polêmicas (a analogia entre a selva e a sociedade industrial), por isso os falantes usam a expressão eu não sei se a analogia está certa para prevenir-se de reações desfavoráveis.

Outra forma dos marcadores de rejeição é o mas-prefácio, recurso argumentativo utilizado para controlar e orientar a reação do interlocutor:

(Ex. 04) (L2 comenta que o filho não quer ir à escola)

L2 porque:: já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for eu não sei realmente eu chego na eu fico:: indecisa... porque acho muito cedo para impor mas também se ele aprender a que dizendo que não quer ir não vai... eu estou criando um precedente muito sério... (NURC/SP, 360, l. 357-362)

A informante está em dúvida a respeito de que postura assumir: não quer parecer autoritária, mas não deseja ser excessivamente liberal. O enunciado introduzido pelo mas justifica a sua atitude, ao mesmo tempo que previne possíveis questionamentos por parte da interlocutora.

O outro tipo de marcadores de rejeição são os prefácios contrastivos, que consistem em duas proposições que têm geralmente o mesmo verbo, mas se opõem. Essa oposição tem valor argumentativo, pois encaminha o ouvinte a determinadas conclusões e previne, assim, reações desfavoráveis:

(Ex. 05) (L1 fala de seu filho)

L1 ele é MUIto distraído e:::... não gosta de estudar... ele é capaz mas não gosta de estudar... e ele gosta MUIto:: de desmontar coisas e montar... ele descobre o porquê das coisas agora ele quer ser MESmo pelo gosto dele ele gostaria de ser jogador de futebol (...)  
(NURC/SP, 360, l. 1295-1299)

Ao opor ser capaz x não gostar de estudar e não gostar de estudar x gostar de desmontar coisas, a locutora justifica a opção do filho e impede que a ouvinte faça alguma objeção.

#### 4. Procedimentos que marcam o envolvimento mais direto do locutor

Este item trata dos procedimentos que mostram que o locutor assume as informações e conceitos veiculados, ou seja, que ele incorpora as próprias palavras: os marcadores de opinião e o “hedges”. Em textos conversacionais, o emprego desses elementos é mais freqüente que o dos marcadores de afastamento, fato que se explica pela necessidade de cada interlocutor marcar a própria presença (auto-envolvimento) nas situações de interação face a face.

##### 4.1. Marcadores de opinião.

Os marcadores de opinião são representados por duas classes de elementos gramaticais: os verbos de opinião (acho, creio, suponho, vejo, noto e semelhantes) e certas expressões adverbiais (para mim, na minha opinião, no que me diz respeito).

O emprego de verbos que prefaciam ou introduzem a opinião do falante indica que o falante assume a própria opinião. É o que se verifica no exemplo a seguir:

(Ex. 06) bom eh... está bom... eu acho... pri/... primeiro lugar o bairro... acho um bairro espetacular... e acho que quem mora em Copacabana deseja à beça morar lá... bom... já estou entrando aqui no à be/à... hein? agora e... quanto às pessoas que moram lá... eu tenho a impressão que não são diferentes das outras que moram noutra bairro... só QUE... em vista do local eh... das possibilidades e:::... eh... e... do... do meio de... maior comunicação que parece que existe lá... diversão e tal... deixa

assim elas mais à vontade mais... mais dadas... comunicativas  
 isso... (...)  
 (NURC/RJ, 147, l. 20-29)

No exemplo anterior, o informante trata de um tema que pode suscitar polêmicas e objeções (a qualidade de vida de Copacabana e as características dos moradores que lá residem), por isso opta por empregar verbos ou expressões que denotem falta de certeza ou convicção plena (eu acho, eu tenho a impressão). A utilização desses verbos e expressões constitui um recurso que atenua a força ilocutória dos enunciados e, assim, preserva a face do enunciador diante de possíveis objeções.

Além dos verbos de valor epistêmico, a opinião pode ser indicada por certas locuções adverbiais que assinalam, genericamente, que o fato ou a opinião expostos são tratados sob um viés marcadamente pessoal (pessoalmente, para mim, eu por mim):

(Ex. 07) L1 (...) eu trabalho num colégio de elite...sabe... quer dizer... considerado de elite porque as famílias são consideradas de elite porque têm dinheiro... a elite que eu falo... é sinônimo de ter dinheiro... para mim não é a elite  
 (NURC/RJ, 147, l. 812-815)

Como já foi visto, essas expressões indicam que o assunto é tratado de modo pessoal, sob o ângulo de análise do locutor; apesar disso, elas manifestam certeza e convicção, ao contrário do que geralmente ocorre com os verbos de elocução.

#### 4.2. Marcadores “hedges”

O conceito de “hedge” tem sido formulado de forma diferenciada pelos diversos autores consultados. Neste trabalho, adota-se a definição proposta por Brown e Levinson (1987), segundo os quais “hedges” são marcadores que, de qualquer forma, modificam o valor ilocutório de um enunciado. Entre esses marcadores, interessam, neste trabalho, os que atuam como atenuadores, modificando a força assertiva dos enunciados, como os “hedges” que sinalizam atividades de planejamento verbal (assim, quer dizer, digamos, vamos dizer) e os que exprimem incerteza (Rosa (1992: 48 e ss)), os quais geralmente ocupam uma posição parentética nos enunciados.



#### 4.2.1. “Hedges” de planejamento verbal

Com o emprego dos “hedges” que sinalizam atividades de planejamento verbal, o locutor ganha tempo para planejar seu enunciado e evita o silêncio, que pode acarretar a perda do turno. Além disso, esses marcadores provocam, no ouvinte, um efeito de dúvida ou imprecisão:

(Ex. 08) (L1 e L2 discutem o problema do isolamento dos indivíduos e da solidão nas grandes cidades.)

L2 (...) e depois o que separa muito porque a... é o seguinte é a... mesma classe com diferença de nível social diferente quero lhe explicar o seguinte... quer dizer... você viver vamos dizer... Ipanema... então há um status de sociedade... mas muitas pessoas vivem lá e não tem o mesmo nível econômico entendeu?  
(NURC/RJ, 147, l. 320-325)

O emprego desses marcadores mostra que o locutor realiza uma atividade prospectiva, buscando encontrar a formulação mais adequada para a sua expressão: no exemplo anterior, L2 esforça-se para encontrar um exemplo que justifique seu ponto de vista. Paralelamente esses marcadores manifestam uma atitude de incerteza e falta de convicção por parte do locutor e funcionam, pois, como marcadores de preservação da face.

#### 4.2.2 “Hedges” que denotam incerteza

Trata-se das expressões talvez, quem sabe, sei lá, não sei e assemelhadas, as quais fazem com que o locutor não se veja tão comprometido com os juízos emitidos. É o que se verifica no exemplo a seguir, no qual o marcador sei lá assinala claramente uma atitude de dúvida ou incerteza, que previne eventuais reações desfavoráveis do locutor.

(Ex. 09) (O informante trata dos ajustes e desajustes do ser humano na sociedade moderna.)

L2 você pode inclusive dizer que o nível geral de... sei lá de ansiedade das pessoas vai aumentar... eu acho provável isso (...) ou talvez não porque... as... as pessoas estão procurando coisas novas né? (...)  
(NURC/SP, 343, l. 1189-1195)

## 5. Comentários conclusivos

Os exemplos expostos demonstram que os marcadores de atenuação são utilizados como uma forma de resguardar a face (ou imagem pública) do locutor, em certas situações nas quais essa imagem pode ser ameaçada pelo interlocutor. Essas situações podem ser enfeixadas em dois grupos principais: quando o locutor trata de um assunto polêmico, que pode suscitar controvérsias, ou, ainda, quando o locutor manifesta incerteza ou falta de convicção. Nessas situações, ora o locutor manifesta total envolvimento, caracterizado por marcas explícitas de elocução (particularmente a primeira pessoa), ora opta por uma adesão menor ao que foi dito, o que caracterizado pelo emprego dos procedimentos de indeterminação ou impessoalidade, ou pelos marcadores de rejeição. Fica claro, porém, que não há apagamento do locutor.

Os marcadores de atenuação — como aliás, também ocorre com os marcadores conversacionais em geral — exercem um papel definido no quadro geral da interação, e só aí podem ser compreendidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, P. e LEVINSON, S. C. (1987) *Politeness: some universals in language use*. 2 ed. Cambridge: Cambridge U. Press.
- CALLOU, D. e LOPES, C. R. (1994) (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: Materiais para o seu estudo. v.III - Diálogos entre dois informantes*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. CAPES.
- CASTILHO e PRETI, D., (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo. v.II - Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A. Queiroz, FAPESP.
- DUCROT, O. (1984) “*Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*”. In: \_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Rev. téc. da trad. de E. Guimarães. Campinas: Pontes Editores.
- MIRA MATEUS, M. H. *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Almedina, 1983.
- GOFFMAN, E., (1970) *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporaneo.
- ROSA, M. M., (1992) *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto. (série “*Repensando a língua portuguesa*”).

